

Dançando com o inimigo

O presidente Fernando Henrique Cardoso surpreendeu até os mais próximos auxiliares do primeiro escalão ao se confrontar direta e pessoalmente com o senador Antonio Carlos Magalhães. O plano original era deixar ACM batendo boca com o andar inferior do poder, mas ontem FH saiu completamente fora do roteiro, assumindo a condição de parceiro do senador nessa gincana de desaforos em que se transformou a República.

É evidente que não se pode exigir, mesmo de um presidente, a eterna observância da razão em detrimento da emoção. Tudo tem um limite e este, já alertava Mário Covas há dois anos quando defendeu publicamente a necessidade de o governo fazer o enfrentamento explícito com Antonio Carlos, foi ultrapassado há muito tempo.

Isso é verdade, e Fernando Henrique deve ter tido suas razões institucionais e pessoais para considerar, lá atrás, que na base da tolerância conseguiria administrar o temperamento do senador baiano. Talvez tenha errado na medida da própria paciência e provavelmente seja este o motivo que o fez não limitar sua revolta ao ato de demissão dos apadrinhados do senador.

Quem conhece a fundo o homem que preside esta República assegura que, por trás daquela frieza pública, existe uma personalidade que em momentos cruciais se revela apaixonada. Principalmente quando a ofensa cala fundo e a decisão é definitiva.

Portanto, não se trata aqui de avaliar se Fernando Henrique fez certo ou errado ao se referir ontem a ACM nos termos em que se referiu, chamando-o diretamente de "bufão" e comparando sua atuação à de um "trombone isolado". Soa estranho na boca do sempre contido presidente, mas do ponto de vista da reação pessoal não foge à compreensão.

Muito provavelmente não houve cálculo na reação presidencial porque, se houvesse, com toda certeza Fernando Henrique contabilizaria o benefício que proporcionaria ao seu agora inimigo número um e teria evitado fornecer a ele o palanque de luxo que forneceu ontem.

Antonio Carlos Magalhães com seu jeito desabrido de palavrões desmedidas está conseguindo do governo exatamente o que sempre tentou inutilmente: trincar o equilíbrio emocional do presidente e estabelecer com ele o conflito direto.

Na verdade, vêm sendo bem-sucedido nesse processo de se manter na condição de interlocutor privilegiado do embaite, desde que voltou de Miami. Passado o carnaval, o líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio, fez uma cobrança dura e direta ao senador para que ele apontasse quem roubou o quê, quando e onde.

Só que antes que ACM pudesse responder a Virgílio, o Palácio do Planalto tirou a briga do palco do Congresso e a levou para bem perto do presidente. O secretário-geral da presidência, Aloysio Nunes Ferreira, divulgou nota igualmente dura de resposta a ACM, o que levou o senador de volta ao palco principal.

E essa nota só não foi feita pelo próprio FH porque o presidente atendeu às ponderações para não fazê-lo. Seria conferir ao senador a estatura que o governo pretendia exatamente reduzir.

Apenas por um breve momento o plano governista de desqualificar a interlocução de Antonio Carlos, foi posto em prática: na quarta-feira, quando o escalado para o bate-boca no Senado foi o líder do PMDB, antigo companheiro de ACM no governo Fernando Collor.

Mas esse foi o único instante em que os estrategistas oficiais conseguiram tirar ACM da primeira classe. Menos de 24 horas depois, o próprio presidente da República encarregou-se de conduzir o senador de volta ao foro privilegiado do combate entre marechais.

Se o governo considera-se capaz de enfrentar Antonio Carlos no campo dele, o da paixão desaforada, corre o risco de acabar dançando justamente a música que o inimigo sabe tocar à perfeição.

A prova é que Fernando Henrique fez ontem uma longa exposição sobre a filosofia de seu governo nos próximos dois anos, falou sobre vários assuntos e o que ganhará destaque — como de resto não poderia deixar de ganhar — será um embaite cuja utilidade torna-se cada vez mais discutível na percepção da arquibancada.

Distância abissal

A maior dificuldade de um enfrentamento com Antonio Carlos Magalhães, nos termos mais familiares a ele, é que o senador faz algumas afirmações desprovidas de sentido que, no entanto, assumem a aparência da descoberta da pólvora.

Ontem, em determinado trecho de sua resposta às críticas do presidente, disse que não se sentia minimamente desconfortável por ter feito parte do regime militar, porque Fernando Henrique também tinha "quase" participado do governo Fernando Collor.

Ora, existe uma distância colossal entre "quase" participar e efetivamente participar. No caso do PSDB, não especificamente de FH, houve um debate partidário sobre a conveniência ou não de aceitar a proposta feita pelo então ministro-chefe do Gabinete Civil, Jorge Bornhausen. O resultado foi a recusa.

Já ACM, nem esperou ser convidado. Aderiu aos primeiros acordos da candidatura Collor — a despeito de o PFL ter Aureliano Chaves como candidato naquela eleição — e ficou até o último dia.